

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos . **Da
distinção entre tipos, gêneros e
subtipos de textos.** Estudos
Lingüísticos, Marília, SP, v. XXX, p. 1-
6, 2001

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos . **Da
distinção entre tipos, gêneros e
subtipos de textos.** Estudos
Lingüísticos, Marília, SP, v. XXX, p. 1-
6, 2001

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos . **Da
distinção entre tipos, gêneros e
subtipos de textos.** Estudos
Lingüísticos, Marília, SP, v. XXX, p. 1-
6, 2001

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos . **Da
distinção entre tipos, gêneros e
subtipos de textos.** Estudos
Lingüísticos, Marília, SP, v. XXX, p. 1-
6, 2001

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos . **Da distinção entre tipos, gêneros e subtipos de textos.** Estudos Lingüísticos, Marília, SP, v. XXX, p. 1-6, 2001.



DA DISTINÇÃO ENTRE TIPOS, GÊNEROS E SUBTIPOS DE TEXTOS (OF THE DISTINCTION OF TYPES, GENRES AND TEXT SUB-TYPES)

Luiz Carlos TRAVAGLIA (Universidade Federal de Uberlândia)

ABSTRACT: Proposal for a necessary distinction of three textual “typological elements”: types, gender and sub-types, that, as defined here, have different natures. They permit avoid unnecessary but current misunderstandings in typological studies and theories. Such a distinction organizes the relations between these typological elements and contribute to a more general typological theory.

KEYWORDS: *text; typology; types; genders; sub-types.*

0. Introdução

A tipologização em todos os planos e níveis da linguagem é um dos elementos que faz da lingüística uma ciência (Chiss – 1987:11). No que diz respeito aos estudos para estabelecimento de tipologias de discurso e/ou texto o que se vê é uma diversidade de abordagens (literária, lingüística, antropológica, psicológica, pedagógica), de teorias e de parâmetros e critérios que estabelecem as mais diferentes tipologias com os mais diversos fins. De tudo isto tem nascido um mal estar classificatório que podemos dizer advém basicamente: a) da inexistência de uma teoria tipológica geral que organize todo este “furor” tipológico e b) do encontro das diferentes abordagens e conseqüentes metalinguagens que muitas vezes se utilizam dos mesmos termos para referir conceitos tipológicos diversos. Nem mesmo o termo identificador do “elemento tipológico”¹ básico é comum, pois tem-se termos como: tipos, sub-tipos, gêneros, espécies, modos de textos e, normalmente, eles não são definidos com o fim de diferenciá-los ou simplesmente são termos usados por uma teoria ou abordagem sem a preocupação de dizer se representam algo diferente ou não do que se tem identificado alhures por outro nome ou pelo mesmo nome. As tipologias sugerem arquétipos, tipos efetivos e quase sempre os tipos são caracterizados / identificados pela recorrência de traços de conteúdo, de forma (estruturais e da superfície lingüística), de estilo, de propriedades discursivas. De qualquer maneira a Lingüística Textual tem avocado como uma de suas tarefas “diferenciar as várias espécies de textos”(Fávero e Koch- 1983: 14).

Na pesquisa que vimos realizando sobre tipos fundamentais², encontramos fatos sobre tipologização que sugerem a necessidade e a validade de distinguir três

¹ - Na falta de um termo superordenado para “tipos”, “gêneros”, “espécies”, “modos”, “sub-tipos” de textos vamos utilizar sempre a expressão “elementos tipológicos” como tal superordenado até que nossa metalinguagem crie algo mais adequado.

² - Estamos chamando de tipos fundamentais aqueles que entrariam na composição de todos ou da maioria dos tipos, gêneros e subtipos existentes em nossa cultura / sociedade.



“elementos tipológicos” de naturezas diferentes que, por ainda não terem sido distinguidos entre si, criam problemas e mal entendidos nas tipologias, sua relação e classificação tipológica de textos.

2. A Distinção de Tipos, Gêneros e Subtipos

Em nossa pesquisa, observamos que as classificações das tipologias existentes misturam, com frequência, numa mesma tipologia, “elementos tipológicos” de três naturezas diferentes que se definem e caracterizam por parâmetros e critérios de natureza também diferente. Essa mistura tem causado muitos problemas na tipologização e classificação de textos e mal entendidos que geram discussões desnecessárias. Daí a necessidade de diferenciar e hierarquizar estes três “elementos tipológicos” e passar a organizar as tipologias levando em consideração os mesmos para perceber e organizar melhor fatos, que têm a ver com sua distinção e com a relação entre eles, em uma teoria tipológica mais geral.

Apresentamos aqui a proposta de diferenciação destes três elementos tipológicos, cuja validade fica evidente, apesar de nossos estudos sobre a questão ainda estarem em uma fase que consideramos apenas inicial e apesar de, em função do pouco espaço disponível, não se poder descer aqui a detalhes na definição e exemplificação de tais elementos tipológicos e suas relações. Infelizmente, por falta de novos termos, identificamos estes três elementos tipológicos pelos termos **tipo, gênero e subtipo**, que são extremamente comprometidos nas teorias de tipologização de textos. Por isso pedimos maior atenção aos conceitos que aos nomes usados na metalinguagem desta proposta, para não carregar conceitos correntes ligados aos mesmos termos, gerando assim confusões desnecessárias. Vejamos a distinção que encontramos e propomos entre tais “elementos tipológicos”, bem como sua hierarquização.

O primeiro “elemento tipológico” é o **tipo** de texto que pode ser identificado e caracterizado por instaurar um modo de interação, uma maneira de interlocução (Cf. Travaglia –1991: cap. 2), segundo perspectivas que podem variar constituindo critérios para o estabelecimento de tipologias diferentes. Algumas perspectivas que foram usadas para o estabelecimento de tipologias diferentes e conhecidas são:

- a) a perspectiva do produtor do texto em relação ao objeto do dizer quanto ao fazer ou conhecer / saber e sua inserção no tempo e / ou no espaço ou não. Esta perspectiva estabelece os tipos que normalmente têm sido nomeados de descritivo, dissertativo, injuntivo e narrativo (Cf. Travaglia-1991: cap. 2);
- b) a perspectiva do produtor do texto dada pela imagem que o mesmo faz do receptor como alguém que concorda ou não com o que ele diz. Aqui aparecem o discurso da transformação quando o produtor vê o receptor como alguém que não concorda com ele, o que cria os textos argumentativos “stricto sensu” e o discurso da cumplicidade em que o produtor vê o receptor como alguém que concorda com ele. Neste caso temos o texto que não é argumentativo “stricto sensu”. (Cf. Travaglia-1991: cap. 2);
- c) a perspectiva em que o produtor faz uma antecipação no dizer (texto preditivo) ou não (texto não preditivo) (Cf. Travaglia-1991: cap. 2);



- d) a perspectiva dada pela atitude comunicativa de comprometimento ou não, o que resulta nos textos do mundo comentado (comprometimento) ou narrado (não comprometimento) (Cf. Weinrich-1968).

Um exemplo que deixa claro que o que estamos aqui definindo não se relaciona com outras definições e caracterizações existentes em outros tipos de estudo é o do chamado “gênero lírico” proposto pelos estudos de teoria literária. Embora a teoria proponente o chame de gênero quase como um sinônimo do que a Linguística tem chamado de tipo, dentro da classificação tripartite que identificamos e propomos dos “elementos tipológicos”, o lírico é um tipo, porque é dado por estabelecer um modo de interação que se caracteriza pela perspectiva de voltar-se para si mesmo para refletir-se como numa “confissão” (Cf. Tavares- 1974: 117-118) que se importa pouco com o outro, com o alocutário (Cf. Moisés-1973: 63-69), portanto uma perspectiva altamente subjetiva de si mesmo ou do que lhe é exterior, portanto uma perspectiva que nasce do mundo interior e busca esse mesmo mundo. A perspectiva de busca do mundo exterior pela admiração do acontecido, tanto que o que importa é a complicação que permite perguntar: “qual é o ponto?” seria o gênero épico ou narrativo da teoria literária (que seria o mesmo tipo narrativo referido anteriormente, mas dado por outra perspectiva que o apreende de um outro ponto de vista diferente desta classificação da teoria literária) e a perspectiva do mundo exterior em relação à instância das relações entre os seres dá o tipo dramático (gênero dramático da teoria literária).

O segundo “elemento tipológico” é o **gênero** de texto que se caracteriza por exercer uma função social específica. Estas funções sociais embora sejam “pressentidas” e vivenciadas quase sempre não são de fácil explicitação e este é um ponto necessitando ainda de maior desenvolvimento na pesquisa. Todavia, podemos ensaiar alguns exemplos. A correspondência é um gênero (que alguns chamam de epistolar) identificável pela função social de permitir a troca de informações por um veículo específico. A notícia ou reportagem tem a função de manter o interlocutor atualizado com os fatos acontecidos e também tem veículos próprios (jornal, rádio e telejornal). O que a teoria literária chama de gênero didático é realmente um gênero no sentido proposto aqui pois o texto didático se distingue do não didático por sua função social: tem o objetivo específico de ensinar, de servir ao ensino / aprendizagem do conteúdo do texto.

O terceiro “elemento tipológico” é o **subtipo** de texto que se define e caracteriza por aspectos formais de estrutura e da superfície linguística e/ou por aspectos de conteúdo.

Um tipo pode ter subtipos e gêneros. Os gêneros de um tipo podem ser de um ou outro subtipo do tipo, conforme o caso. Os gêneros também podem ter subtipos. Vejamos alguns exemplos que podem deixar mais claras estas relações e hierarquias³. Continuando com as mesmas tipologias já citadas pode-se notar que o tipo narração⁴

³ - Algumas das classificações enquanto tipo, gênero ou subtipo que colocamos aqui ainda podem ser revistas.

⁴ - A narração é o tipo caracterizado pelo fato de o produtor / enunciador; em relação ao objeto do dizer, ao referente, ao assunto; se colocar na perspectiva do fazer inserido no tempo. O objetivo é

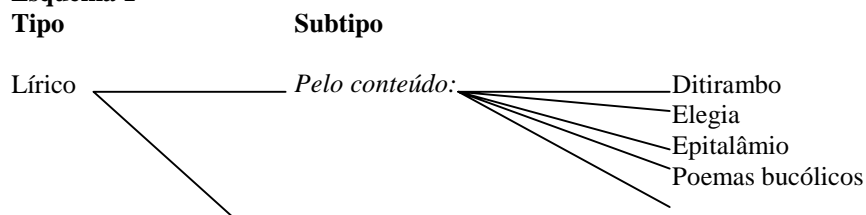


tem dois subtipos: história e não história⁵ e vários gêneros que se subdividem por estes dois subtipos: a) não história (ata, notícia, etc.); b) história (romance, novela, novela de rádio e TV, conto, crônica, apólogo, fábula, parábola, piada, lenda, mito, fofoca, caso, biografia, notícia, epopéia, poema heróico, poema herói-cômico, poema burlesco, etc.). O tipo narrativo pode ter dois subtipos formais: em verso (epopéia, poema heróico, poema herói-cômico, poema burlesco, fábula, apólogo, etc.) e em prosa (romance, novela , novela de rádio e TV, conto, crônica, fábula, apólogo, parábola, piada, lenda, mito, fofoca, caso, biografia, roteiro de cinema, notícia, etc.). O gênero romance tem vários subtipos dados pelo conteúdo: histórico, psicológico, regionalista, indianista, fantástico, de ficção científica, de capa e espada, policial, erótico, etc.). O gênero lírico tem vários subtipos dados pelo conteúdo: a) ditirambo (poema que celebra os prazeres da mesa, principalmente na hora do brinde de modo jovial e entusiástico)⁶; b) elegia (comporta as composições de tristeza e de luto); c) epitalâmio (composição destinada a celebrar bodas e núpcias); d) os poemas bucólicos (que têm por assunto a vida do campo) dos quais temos o idílio (que é monológico) e écloga (que é dialogada); etc.; ou pela forma: a) acróstico (letras iniciais dos versos lidas na vertical formam um nome); b) balada (três oitavas e uma quadra final, às vezes substituída por uma quintilha, que é o ofertório, versos octossílabos, três rimas cruzadas ou variáveis); c) soneto (composição de quatorze versos, distribuídos em duas quadras e dois tercetos, sendo o último verso chamado de “chave de ouro” por conter a essência do poema); d) haicai (poema de forma fixa: estrofes de três versos com um total de dezessete sílabas métricas assim distribuídas: primeiro verso: cinco sílabas; segundo verso: sete sílabas; terceiro verso: cinco sílabas); etc.

Para se perceber como há elementos tipológicos de naturezas diferentes misturados em um mesmo rol de “elementos tipológicos”, podemos chamar a atenção para o caso do “acalanto” que a teoria literária (Cf. Tavares-1974: 269-270) coloca como “espécie” lírica junto com os subtipos acima enumerados, mas que, dentro de nossa proposta, seria um gênero, pois se define por sua finalidade social: “destinada a embalar o sono”.

Os dois esquemas abaixo permitem uma visualização de parte dos fatos que acabamos de expor:

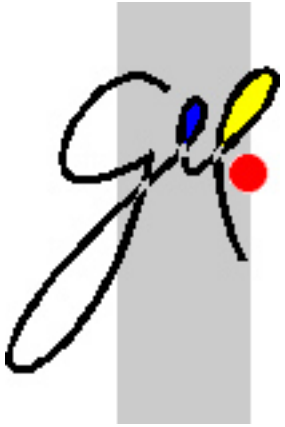
Esquema 1



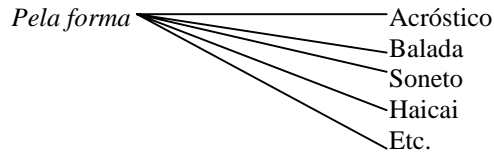
contar, dizer os fatos, os acontecimentos, instaurando o alocutário como o assistente o espectador não participante (Cf. Travaglia 1991:49-50).

⁵ - Uma narração é história quando constituída por uma série de eventos / fatos / episódios encadeados em uma complicação com uma resolução. A não história não tem essa série de episódios encadeados em direção a um resultado.

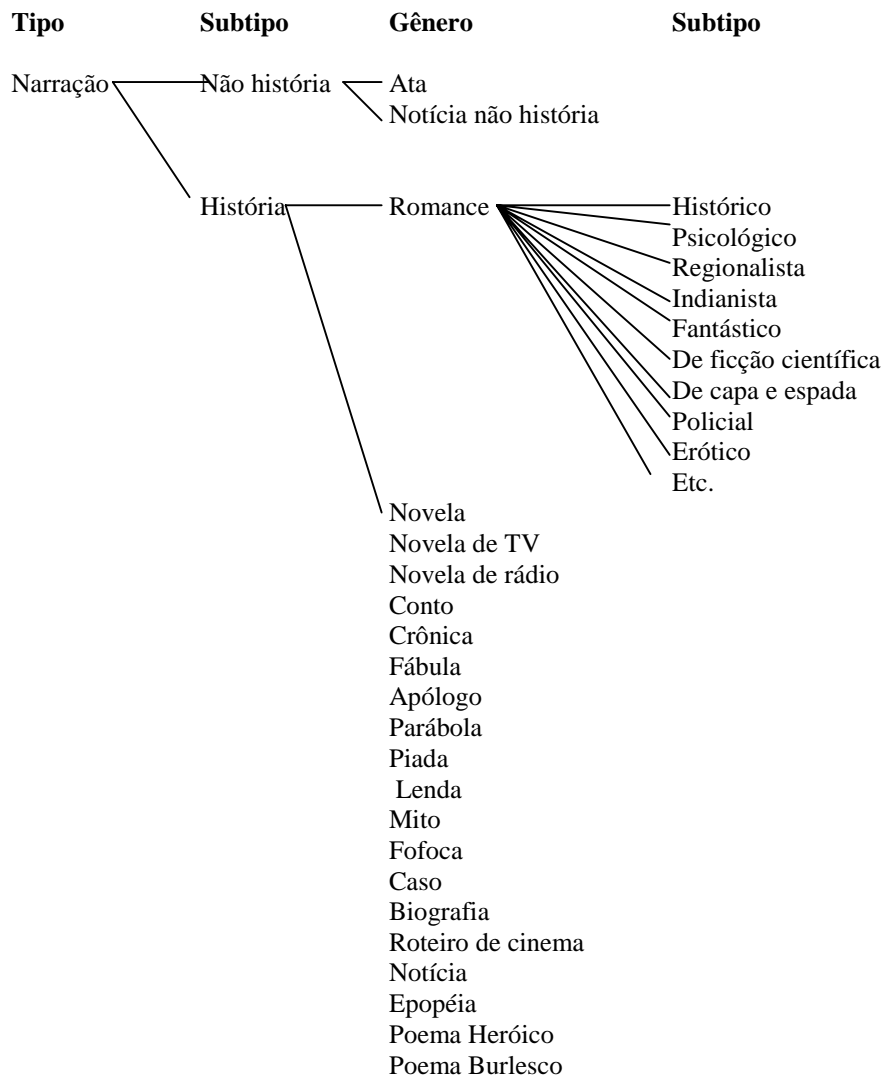
⁶ - As definições dos sub-tipos líricos aqui citadas foram extraídas de Tavares-1974: 269 e ss.



Etc.



Esquema 2





3. Considerações finais

Apesar do caráter extremamente sintético da exposição da proposta e da exemplificação, cremos ter ficado suficientemente evidenciada a pertinência da distinção entre os três “elementos tipológicos” (tipos, gêneros e subtipos) aqui propostos para a organização de uma teoria tipológica mais geral. Fica claro que se tem misturado, em diferentes tipologias propostas, elementos tipológicos de naturezas distintas em um mesmo rol, como se fossem elementos da língua que se equiparam em sua natureza e caracterização fundamental. Vem daí uma série de dificuldades na construção, aplicação e comparação de tipologias. Fica aqui a proposta da atividade de reconfiguração das tipologias, levando em consideração a distinção dos elementos tipológicos aqui proposta, bem como as relações e hierarquizações levantadas. Esta tarefa está iniciada, mas o caminho a percorrer é bastante longo e demorado, pois a tarefa tem inegável porte.

Maio de 2000

RESUMO: *Proposta para distinção necessária de três “elementos tipológicos”: tipos, gêneros e subtipos, que, como definidos aqui, têm naturezas diferentes e permitem evitar mal entendidos correntes mas desnecessários nos estudos e teorias tipológicas relativas ao text. Tal distinção organiza as relações entre estes elementos tipológicos, contribuindo para uma teoria tipológica mais geral.*

PALAVRAS CHAVE: texto; tipologia; tipos; gêneros; subtipos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHISS, Jean-Louis . Malaise dans la classification in *Langue française n°74*, Paris: Larousse, maio/1987: 11-27.
- FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística textual : uma introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: introdução à problemática da literatura*. (6ª ed. rev.). São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- TAVARES, Hênio Último da Cunha. *Teoria literária (5ª ed. rev. e atual)*. Belo Horizonte: Itatiaia., 1974.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. Campinas: Tese de doutorado, IEL / UNICAMP.
- WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1968.